

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Conceções de Arte em Estudantes Universitários

Ana Rita Ribeiro de Sousa Cunha

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia da Educação e da Orientação

2021

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Conceções de Arte em Estudantes Universitários

Ana Rita Ribeiro de Sousa Cunha

Dissertação orientada pelo Professor Doutor António Manuel Duarte

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia da Educação e da Orientação

2021

“A arte existe porque a vida não basta”

Ferreira Gullar

Agradecimentos

Nunca achei que fosse escrever uma página de agradecimentos,

Nunca me fez muito sentido. Contudo, neste momento, prefiro esbarrar-me contra todos os clichés, quanto mais não seja por este exercício, que nos faz ver que nunca caminhamos sozinhas.

Ao João Fortuna, que esteve presente em todos os momentos, cuja obra me deu alento a pensar e olhar a arte (e o mundo) de outra forma, e me ensinou que é possível dizer tanto sem usar uma única palavra; com o seu carinho, conquistamos um local ao qual podemos chamar lar; por fim, o nosso espaço seguro. E também por todos os momentos em que foi capaz de me escutar e motivou a reflexão sobre os mais variados pontos de vista sobre a arte, aos quais o meu pensamento nunca se havia sequer aproximado.

À minha família, por em muito ter contribuído para estar aqui, agora. Aos meus irmãos, que são palavra-chave do meu pensamento crítico e gosto musical. E, nesta fase, apesar de muito longe, sempre estiveram presentes para me ajudar e escutar.

Sem nunca esquecer a Beatriz, a Mariana Guerra, a Mariana Andrade, que sempre me ajudaram a persistir e ver o lado bom de tudo. E também a Margarida Vargas, a Rebeca Vendrell, a Diana Gomes, a Bárbara Beatriz, a Helena Maria e a Teresa Sardinha, grandes mulheres que são para mim uma grande inspiração.

Ao Mário, por ver o melhor de mim e por me ensinar a questionar e não conformar e por estar sempre presente.

E nunca poderei deixar de agradecer à professora e ao professor que tiveram uma influência brutal no meu percurso académico, pelo empoderamento, por tudo o que me

transmitiram e, mais do que tudo, pelos seres humanos incríveis que revelaram ser.

Obrigada, Maria João. Obrigada, Manuel Alexandre.

E ao António Duarte, por me ter apoiado ao longo de uma experiência que sempre pensei que viesse a ser a mais dura e longa do meu percurso, da qual desfrutei muitíssimo e pela qual me apaixonei em todos os momentos.

A ti, São.

Resumo

As concepções pessoais sobre arte constituem uma variável significativa a considerar numa explicação da experiência de apreciação da arte, visto que parecem funcionar como reguladores desta experiência (e.g., Leder et al., 2004). Neste sentido, esta investigação teve como objetivo principal conhecer as concepções de arte de estudantes universitários, a partir de uma análise temática das respostas de uma amostra principal de estudantes de psicologia à questão “O que é arte?”. Da referida análise resultou um sistema de concepções, de representatividade diversa, organizadas de acordo com três dimensões da arte: Apreciação da Arte, Criação da Arte e Obra de Arte. Secundariamente, foi realizada uma análise exploratória das concepções de arte em função da área de estudos, que recorreu à comparação entre as concepções dos participantes da amostra principal com as de uma amostra secundária mais reduzida, de estudantes de Belas Artes. Nesta análise não foram encontradas novas concepções de arte na amostra secundária, em relação às identificadas na amostra principal, cuja presença não é completa na primeira.

Palavras-chave: arte; concepções de arte; concepções pessoais

Abstract

Personal conceptions of art are a significant variable to be considered in the explanation of the art appreciation phenomenon, as they seem to function as regulators of this experience (e.g., Leder et al., 2004). In this sense, this investigation had as main objective to gain knowledge on university student's conceptions of art, on the basis of a thematic analysis on a main sample of psychology student's answers to the question "What is art?". The analysis resulted in a system of conceptions, of diverse representation, organized according to three dimensions of art: Appreciation of Art, Creation of Art, and Work of Art. Secondly, an exploratory analysis of the conceptions of art according to the area of studies was carried out, by comparing main sample's conceptions with those of a smaller secondary sample, of Fine Arts students. In this analysis, no new art conceptions were found in the secondary sample, in relation to those identified in the main sample, whose presence is not complete in the first one.

Keywords: art; conceptions of art; personal conceptions

Índice

Introdução	8
Método.....	15
Participantes.....	15
Recolha de dados	15
Análise de dados	16
Resultados.....	18
Conceções Sobre a Apreciação da Arte	18
Conceções Sobre a Criação da Arte.....	22
Conceções Sobre a Obra de Arte	27
Conceções de Arte em função da Área Académica.....	32
Discussão e Conclusão	34
Referências	43

Índice de Tabelas

Tabela 1. Conceções sobre a Apreciação da Arte (AA).....	20
Tabela 2. Conceções sobre a Criação de Arte (CA).....	24
Tabela 3. Conceções sobre a Obra de Arte (OA).....	29

Introdução

Aquilo a que chamamos de arte humana parece ser tão antigo como a nossa própria existência (Winner, 2019). Os vestígios arqueológicos encontrados ao longo do tempo levam-nos a recuar até à Pré-história, onde podemos identificar formas primordiais de arte humana, como as designadas estatuetas de Vénus ou diversas pinturas rupestres (Janson, 1998). Nunca existiu, desde então, uma cultura que não tivesse, pelo menos, uma forma de arte (Janson, 1998; Winner, 2019). A arte é uma característica fundamental da experiência humana e pressupõe uma conjugação complexa entre estímulos, pessoas e contextos (Leder, 2012). Contudo, a sua definição tem sido um tema polémico num largo espectro de campos de estudo, começando com a filosofia, na qual Platão foi pioneiro com a sua teorização da estética, e alargando-se, com o passar do tempo, nomeadamente durante o último século, à Psicologia (Janson, 1998). Apesar da afirmação de Clive Bell de que *“Everyone in his heart believes that there is a real distinction between works of art and all other objects”*, não existe em nenhuma área um consenso sobre a definição de arte (Jacobsen et al., 2004, Janson, 1998; Winner, 2019).

Yazmina Reza, em 1994, escreveu uma peça de teatro que descreve com precisão, e de uma forma cômica, as incongruências que encontramos na tentativa de classificar um objeto como obra de arte. Nesta peça, três amigos discutem sobre o interesse ou valor de uma obra, adquirida por um deles. No decorrer desta peça teatral, podemos encontrar os pontos fulcrais das definições mais comuns no universo das teorias da arte, que se poderiam resumir, de uma forma muito sucinta, nas seguintes linhas orientadoras: Arte como imitação, i.e., uma obra só é arte se for feita por um homem e imitar algo; Arte como Expressão, sendo que só poderíamos considerar um objeto como arte se este for resultado da expressão dos sentimentos sinceros do artista; a Arte como significante, ou

seja, para que uma obra seja considerada arte, esta deve provocar no apreciador uma reação/ emoção (Wartenberg, 2007).

Contudo, a definição do que é arte não é um fenómeno exclusivo de historiadores, filósofos ou outros pensadores (Winner, 2019). É algo que todos nós manifestamos várias vezes ao longo da nossa vida. Provavelmente, a todos já nos aconteceu sairmos de uma exposição num museu (ou de uma peça de teatro, de um bailado, de um concerto, etc.) e, ao fazer uma análise com a pessoa que nos acompanhava, darmos conta que auferimos o estatuto de arte às obras com que nos confrontámos de formas totalmente antagónicas. Admitamos que, talvez para alguns, já houve algum momento em que, no decorrer de uma exposição, a cadeira encostada a uma das esquinas da sala nos suscitou sérias dúvidas sobre ser ou não fruto do trabalho árduo de um artista, até vermos o segurança a voltar da sua pausa e sentar-se nela.

Vários autores procuram explorar os fatores que influenciam a apreciação de obras de arte, nomeadamente a simetria, complexidade, novidade, familiaridade, estilo artístico, apelo ao status social e preferências individuais (Jacobsen et al., 2004), processos cognitivos (Leder et al., 2004; Pelowski & Akiba, 2011), ou perícia (Leder et al., 2004). Contudo, apesar dos vários contributos, não existe ainda uma teoria unificadora que explique quais os fatores que constituem a experiência de apreciação, devido à complexidade de questões inerentes a este fenómeno (Jacobsen, 2004).

Os modelos de apreciação de arte, tais como os propostos por Leder e colaboradores (2004) e Pelowski e Akiba (2011), sugerem a existência de um estágio prévio ao momento de apreciação, que a condiciona. Antes do momento de apreciação, e para que esta possa ocorrer, o apreciador já tem uma conceção sobre “O que é arte”, que irá condicionar, seja em que sentido for, a sua experiência, funcionando como mediador da experiência

perceptiva (Leder et al., 2004; Pelowski & Akiba, 2011; Wagner et al. 2014), espoletando o próprio complexo processo de apreciação (Leder 2004).

Contudo, são escassas as análises que concernem conteúdo extensivo sobre os pré-estágios de apreciação, no qual se incluem as concepções de arte, desconsiderando, a maior parte dos modelos de apreciação, aspetos relacionados com os próprios esquemas do apreciador (Pelowski & Akiba, 2011). Considerando os estudos que existem, deve ser notado que se dedicam maioritariamente ao estudo das concepções de arte em crianças (Ecker, 1973; Gardner et al., 2008; Johnson, 1982; Kindler et al., 2000; Mcardle & Wong, 2010; Wong, 2007).

Apesar de não existir uma teoria unificada sobre a concepção de arte dos apreciadores, considerando os vários estudos podemos encontrar três dimensões transversais daquela concepção, cujas variantes parecem diversificar-se na população. Uma primeira dimensão é relativa à natureza da obra de arte (Gardner, 2008; Jacobsen, 2004; Johnson, 1982; Kindler et al., 2000), uma segunda refere-se à índole do processo de criação artística e do artista (Gardner et al., 2008; Johnson, 1982; Kindler et al., 2000; Pietras, 2018) e uma terceira diz respeito à natureza do processo de apreciação de arte (Gardner et al, 2008; Johnson, 1982).

Os resultados de seguida apresentados foram recolhidos entre vários estudos com o objetivo de identificar as concepções de arte em indivíduos de diferentes idades (desde crianças em idade pré-escolar até adultos), de diferentes contextos socioeconómicos e culturais, sendo que as metodologias para a recolha de dados foram variadas, entre entrevistas semiestruturadas, questões de resposta aberta e tarefas de associação verbal.

Relativamente à primeira dimensão da concepção de arte (natureza da obra de arte), estudos feitos com estudantes universitários, através de uma tarefa de associação verbal

(Jacobsen, 2004) mostram que, segundo aqueles, os atributos mais frequentes da obra de arte são “belo”, sendo o adjetivo mais vezes utilizado pelos estudantes, seguindo-se de “feio”. A concepção de que a arte é algo que deve ser “belo” também foi explorada nos estudos de Kindler e colaboradores (2000) com crianças de quatro e cinco anos, segundo os quais esta concepção parece variar consoante o *background* cultural dos indivíduos. Segundo os resultados do trabalho de Johnson (1982), com crianças e jovens em idade escolar (do pré-escolar até ao 12º ano), as concepções de arte variam também relativamente à forma (pintura, desenho, escultura, artesanato) e meios utilizados (argila, tinta, papel, metal). No estudo conduzido por Gardner e colaboradores (2008) com crianças entre os quatro e os dezasseis anos de idade, as concepções sobre a obra de arte variam entre representação de algo real ou imaginado, surgindo também como variável o critério para definir algo como arte, que apontam para a dependência ao juízo de um profissional/autoridade, ou ao juízo do apreciador, devido à subjetividade implícita à apreciação (Gardner et al., 2008);

Por outro lado, relativamente à segunda dimensão da concepção de arte (natureza da criação artística e de artista) as concepções parecem variar: quanto à natureza dos agentes da criação, considerando-se esta como algo exclusivo aos seres humanos ou como resultado da natureza (Gardner, 2008; Kindler, 2000); quanto à origem da criação, considerando-se que esta exige prática, em oposição a ser resultado de uma habilidade inata (Gardner, 2008); quanto ao propósito e utilidade da criação (e.g., a arte como coisas que se fazem para oferecer a alguém, entretenimento, coisas que são feitas por alguém que queira ser artista); quanto à determinação individual do artista (e.g., a arte como algo que existe por decisão pessoal) (Johnson, 1982); ou quanto à definição de artista contemporâneo (e.g., comentador dos eventos, visionário, génio, pessoa auto-atualizada, pessoa qualquer, pseudo-artista, artesão, profissional, individualista, não-conformista,

devotado à arte, sensível, com abertura, com habilidade inata, rebelde, , que desconstrói, que desenvolve cultura, que experimenta, que faz carreira, que é “workaholic”, que mais frequentemente considera o espectador que a sua expressão,, que está exposto à rejeição ou aprovação , e que é visto como um excêntrico (Pietras, 2008).

Por último, com referência à terceira dimensão da concepção de arte (processo de apreciação de arte), surgem concepções sobre: os resultantes da experiência da apreciação, tais como “divertimento”, “interessante”, “bonito”, “louco”, “disfrutar”, “difícil”, “algo que se gosta, algo que não se gosta”, “forma de beleza”, e “agradável ao olhar” (Johnson, 1982); e a disposição pública das obras, ou seja onde é que as obras podem ser expostas/vistas, surgindo maioritariamente o local museu (Gardner et al., 2008).

Quais os fatores das concepções que os indivíduos têm sobre a arte?

Cada cultura atribui significados diferentes a Arte, atendendo, por exemplo, às diferentes conotações que esta palavra pode ter em diferentes partes do mundo. Apesar de se poder observar que os significados transmitidos pelas famílias e pela cultura onde crescemos influenciam a perceção dos indivíduos, estas não são estanques e podem sofrer mutações, fruto, por exemplo, de processos de assimilação (Kindler et al., 2000).

As concepções pessoais de arte parecem ser assim influenciadas pelas representações sociais de arte, que podem ser entendidas como um conjunto de informação e conhecimento que as pessoas partilham sobre a arte (Pietras, 2008) e surgem em idades precoces, tendo sido observado que crianças nos primeiros anos de educação formal tendem a ter já formados esses conceitos, de forma mais ou menos sólida (Kindler et al., 2000).

Por outro lado, as diferenças que concernem à obra de arte, como o tipo de arte ou mesmo diferentes estilos artísticos, também podem despoletar a ativação de diferentes esquemas cognitivos no mesmo indivíduo (Wagner et al., 2014).

Por outro lado, ao longo do desenvolvimento, as concepções de arte vão-se alterando de forma notável. As crianças mais pequenas interpretam as experiências segundo a forma com estas afetam as suas emoções, sendo que os adolescentes revelam mais literacia (Johnson, 1982). Também Gardner e colaboradores (1975) estudaram estas mudanças, encontrando nas crianças mais pequenas concepções mecânicas e legalistas, por exemplo, quando questionados acerca dos meios enfatizam aspetos como o tamanho da tela ou a quantidade de tinta utilizada, surgindo também concepções sobre aquilo que pode ou não ser pintado e os castigos inerentes a pintar algo que não é permitido. Num grupo de idades intermédias observa-se um desenvolvimento para um pensamento mais realístico e literal, que se espelha em concepções como: arte como busca do realismo; sucesso da arte definido por autoridades e não pelas reações pessoais. Finalmente, nos mais velhos (adolescentes) observa-se um pensamento mais concreto, revelando maior compreensão acerca da complexidade inerente à criação artística, à panóplia de estilos que podem ser utilizados, bem como às propriedades dos diferentes meios de produção e a relação da arte com o público. Estas alterações parecem espelhar as teorias tradicionais de desenvolvimento propostas por Piaget e Kolberg (Gardner, 1975).

No momento prévio à observação/ apreciação, cada sujeito tem formadas as suas próprias expectativas e esquemas percetivos (Jacobsen, 2006; Jacobsen et al., 2004, Pelowski & Akiba, 2011; Wagner et al., 2014) que irão pautar a própria experiência, e são responsáveis pelo processamento cognitivo das obras de arte (Wagner et al., 2014). São os “frames” cognitivos (ou esquemas) que nos ajudam a compreender o nosso entorno e dar respostas apropriadas (Abelson, 1981, cit. por Wagner et al., 2014; Bewer &

Nakamura, 1984, cit. por Wagner, 2014). Este mesmo processo acontece quando um indivíduo é confrontado com uma obra de arte, isto é, é ativado automaticamente um esquema que se adequa a esta situação e mediará a resposta da apreciação (Jacobsen, 2004).

O problema de investigação do presente estudo é explorar quais as concepções que os estudantes universitários têm sobre Arte, situando-se num programa de investigação da Psicologia da Arte cujo objetivo é o de investigar as representações e esquemas pessoais dos indivíduos sobre a arte (e.g., Leder et al., 2004; Wagner et al., 2014). O objetivo desta investigação consiste assim em caracterizar as concepções de Arte de estudantes Universitários e comparar essas concepções em função da área disciplinar dos estudantes, neste caso, Psicologia *versus* Belas-Artes.

As concepções pessoais sobre a Arte constituirão um dos fatores que influencia a classificação de um objeto/situação como tal, espoletando assim, ou não, o processo de apreciação. Intervenções de aconselhamento educacional pela arte que utilizem a apreciação da arte como recurso beneficiarão da possibilidade de poderem efetuar um diagnóstico prévio de tais concepções com base no conhecimento adquirido pelo estudo. Saliente-se ainda que a investigação anterior sobre tais concepções é parca a nível internacional e aparentemente inexistente a nível nacional.

Método

Participantes

A amostra principal do presente estudo é constituída por 110 estudantes universitários de um Mestrado Integrado em Psicologia. Destes, 52 (47.3%) frequentavam o 2º ano, 35 (31.8%) o 3º ano e 23 (20.9%) o 5º ano. A idade dos participantes variava entre os 18 e os 46 anos ($M=22$; $D.P.=5.1$), sendo que a maioria (89%) tinha idade compreendida entre os 18 e os 25 anos. Dos estudantes que constituem esta amostra, 20 são do sexo masculino (18.2%) e 90 são do sexo feminino (82.7%).

De forma complementar, uma segunda amostra compreende 13 estudantes universitários de Belas Artes. Destes, 10 frequentavam o curso de Escultura (76.9%), dois frequentavam o curso de Design de Equipamento (15.4%) e um o curso de Arte e Multimédia (7.7%). A maioria (92.3%) frequentava o 2º ano dos respetivos cursos, havendo apenas um a frequentar o 1º ano do curso de Escultura. As idades deste grupo variam entre os 19 e os 34 anos, ($M=20.9$; $D.P.=4$), sendo que quatro são do sexo masculino (30.8%) e os restantes nove do sexo feminino (69.2%).

Recolha de dados

A recolha de dados consistiu na aplicação de um questionário com uma questão aberta sobre a conceção de arte (i.e., “O que é arte?”), previamente testada num inquérito informal realizado para uma exposição sobre conceções de senso comum sobre a arte (Duarte, 2020) e três questões sobre as características demográficas pessoais (i.e., a idade, o sexo e o ano de escolaridade). Os participantes deram consentimento informado para o

estudo, que foi aprovado pela comissão de deontologia da escola onde foi efetuada a recolha de dados.

Análise de dados

As respostas dos participantes da amostra principal (estudantes de Psicologia) à questão sobre o que é a arte foram processadas por uma análise temática (Miles & Huberman, 1994), que envolveu quatro momentos: segmentação das respostas em unidades de análise a categorizar, categorização das unidades de análise segmentadas, testagem da confiança do sistema de categorias desenvolvido e exploração das categorias desse sistema.

No primeiro momento, foi utilizado um método dedutivo de segmentação por unidades temáticas, sendo considerados como unidades temáticas distintas todos os segmentos que abordassem uma das três principais dimensões consideradas pela área de estudos da Psicologia da Arte (e.g., Tinio, 2013): apreciação da arte, criação da arte e obra de arte.

Na segunda fase, foi utilizada uma aproximação indutiva de forma a categorizar os segmentos previamente selecionados. Com base no sistema de categorias resultante as unidades segmentadas foram depois categorizadas dedutivamente numa segunda volta. Toda a análise temática foi efetuada com apoio do software Nvivo 12.

No terceiro momento, desenvolvido um sistema de categorias, foi realizada a testagem da confiança daquele sistema através do “método dos juizes”, pelo qual se calculou o grau de acordo (80.95%) da categorização de 15% das unidades segmentadas (cerca de 5% de cada uma das dimensões), por um analista que (após um treino) utilizou

independentemente esse mesmo sistema¹. Este mesmo sistema de validação foi utilizado para calcular o grau de acordo (100%) das unidades categorizadas da amostra secundária, dos alunos de Belas Artes.

Finalmente, as categorias encontradas foram exploradas calculando a sua frequência relativa na amostra de participantes. Ou seja, calculando a percentagem de participantes em cuja resposta está presente cada categoria, independentemente do número de vezes em que esta ocorre nessa resposta.

Por seu lado, as respostas dos participantes da amostra secundária (estudantes de Belas-Artes) à mesma questão sobre o que é a arte foram processadas por uma análise temática de conteúdo similar em tudo, exceto no facto de que na segunda fase foi utilizada uma aproximação “intermédia”. Esta análise envolveu categorizar os segmentos de resposta de acordo com o sistema de categorização apurada para a amostra principal; e criar categorias sempre que tais segmentos não fossem categorizáveis nesse sistema.

A posteriori, foi feita uma comparação exploratória entre as categorias encontradas na amostra de estudantes de Psicologia e na amostra de estudantes de Belas Artes.

¹ Para todos os cálculos de coeficientes de acordo, foi utilizada a fórmula sugerida por Bakeman e Gottman (1986): $PA = (Na / (Na + Nd)) / 100$; onde “PA” é a percentagem de acordo; “Na” é a frequência dos acordos; “Nd” é a frequência dos desacordos.

Resultados

A análise das respostas fornecidas pelos participantes da amostra principal (estudantes de Psicologia) à questão “O que é arte?” permitiu identificar uma variedade de concepções sobre o tema, que foram organizadas nas três dimensões da arte definidas a priori: *Apreciação da Arte*, *Criação da Arte* e *Obra de Arte*. Cada dimensão está organizada por meta-categorias, às quais correspondem categorias de concepções particulares encontradas na amostra, que são descritas nas três seções que se seguem. Entre as respostas analisadas, encontramos referências à dimensão *Apreciação de Arte* em 38 participantes (34.55%), à dimensão *Criação de Arte* em 86 participantes (78.15%) e à dimensão *Obra de Arte* em 85 participantes (77.25%).

Concepções Sobre a Apreciação da Arte

Relativamente à dimensão *Apreciação da Arte*, cujas categorias são sintetizadas e ilustradas com excertos exemplificativos de resposta na Tabela 1, as concepções foram agrupadas em três meta-categorias - uma primeira relativa aos Processos de Criação, uma segunda referente aos Agentes da Apreciação e, por último, uma terceira respeitante aos Efeitos da Apreciação.

A meta-categoria Processos de Apreciação compreende as categorias *Reação Emocional* (a apreciação de arte envolve respostas emocionais, que podem tanto ser positivas como negativas); *Sensorialidade* (a apreciação pressupõe um envolvimento sensorial com a obra); *Projeção* (a apreciação é uma projeção do apreciador, bem como do seu contexto na obra); *Interpretação* (a apreciação implica uma interpretação da obra); *Reflexão* (a apreciação implica um processo reflexivo sobre a obra); *Subjetividade* (a apreciação é

uma experiência de conteúdo subjetivo, variando de pessoa para pessoa); e, por último, a categoria *Aprendizagem* (a apreciação implica aprendizagem dessa apreciação). Atendendo à incidência destas categorias pode observar-se que *Subjetividade* é a mais representada, embora de forma reduzida (em perto de 18% da amostra de participantes), seguida de *Reação Emocional* (em perto de 7%) e das restantes, todas com uma representatividade muito reduzida (sempre inferior a perto de 3%).

Por seu lado, a meta-categoria Agentes da Apreciação agrupa duas categorias: *Humano* (a apreciação como uma atividade exclusiva ao ser humano); e *Indivíduo* (a apreciação como um processo essencialmente individual), surgindo ambas com uma incidência bastante reduzida, inferior a 1%.

Por último, na meta-categoria Efeitos da Apreciação, aparecem as categorias *Inspiração* (a apreciação de arte pode constituir uma fonte de inspiração pessoal), *Reinterpretação* (a apreciação como proporcionador de uma nova forma de interpretar a realidade); *Aprendizagem* (a apreciação como experiência facilitadora de aprendizagens); e *Evasão* (a experiência de apreciação constitui uma forma de relaxamento/ evasão da vida quotidiana). Atendendo às incidências destas categorias na amostra, observamos que a mais representada é a categoria *Reinterpretação*, embora de forma reduzida (aproximadamente 3% da amostra), seguida de *Evasão* e *Inspiração* (ambas com uma incidência de próximo de 2%), seguidas das restantes, todas com uma representatividade muito reduzida (inferior a 2%).

Tabela 1.*Conceções sobre a Apreciação da Arte (AA)*

Metacategoria	Categoria	Excerto Ilustrativo	Frequência relativa
Processos de Apreciação	<i>Reação Emocional</i> (A AA envolve reações emocionais, que podem ser positivas, como prazer, calma e admiração; negativas, como ansiedade e terror; ou de desequilíbrio, como espanto e intriga)	"[a arte] <i>É uma ação, objeto, coisa ou fenómeno que causa uma emoção.</i> "	7.27%
	<i>Sensorialidade</i> (A AA implica uma reação/ envolvimento sensorial à/com a obra)	" <i>Para mim, arte está associada a qualquer objeto ou contexto (...) com o qual eu me envolvo cognitiva, sensorial ou emocionalmente.</i> "	0.91%
	<i>Projeção</i> (A AA é uma projeção do apreciador e do seu contexto na obra de arte)	"[o apreciador] <i>se irá refletir a si e ao mundo que o rodeia na arte que aprecia.</i> "	0.91%
	<i>Interpretação</i> (A AA envolve uma interpretação da obra)	" <i>A arte (...) permite ao espectador criar uma interpretação própria da arte alheia.</i> "	2.73%
	<i>Reflexão</i> (A AA implica um processo de reflexão sobre a obra.)	" <i>Arte é também apreciar e refletir sobre a criação ou a performance de algo.</i> "	0.91%
	<i>Subjetividade</i> (A AA é uma experiência subjetiva, variável)	"[a apreciação da arte] <i>É subjetiva pois cada um faz a sua interpretação mediante a experiência anterior.</i> "	18.18%
	<i>Aprendizagem</i> (A AA é um processo que implica aprendizagem.)	" <i>Para mim a arte é algo que pode não nascer conosco, mas que aprendemos a gostar.</i> "	0.91%

Tabela 1 (Continuação)*Conceções sobre a Apreciação da Arte (AA)*

Metacategoria	Categoria	Excerto Ilustrativo	Frequência relativa
Agentes da Apreciação	<i>Humano</i> (A AA é uma atividade exclusiva ao ser humano.)	<i>“(…) em princípio só o ser humano pode reconhecer algo como arte.”</i>	0.91%
	<i>Individuo</i> (A AA é essencialmente um processo individual)	<i>“No entanto, o ato de observar/ apreciar arte também parece ser profundamente individual... parecendo quase impossível ser uma experiência de comunicação com o outro.”</i>	0.91%
Efeitos Pessoais da Apreciação	<i>Inspiração</i> (A AA pode ser uma fonte de inspiração.)	<i>“Também pode ser uma inspiração para ti. ”</i>	1.82%
	<i>Reinterpretação</i> (A AA proporciona uma reinterpretação da realidade.)	<i>“(…) [a arte] abre novas formas de interpretar a vida e a realidade.”</i>	2.73%
	<i>Aprendizagem</i> (A AA pode proporcionar aprendizagem)	<i>“A arte também pode ser uma forma de aprender de forma mais didática e, conseqüentemente, temos mais interesse por aquilo que estamos a dar.”</i>	0.91%
	<i>Evasão</i> (a AA é uma forma relaxante de evasão do quotidiano)	<i>“[a AA] apaga por breves momentos (...) os problemas da vida real ao mergulharmos noutra dimensão (...).”</i>	1.82%
	<i>Desenvolvimento pessoal</i> (A AA é um pré-requisito do desenvolvimento pessoal)	<i>“a arte é um elemento essencial e estruturador do ser humano Não me parece possível ser pessoa sem arte”.</i>	0.91%

Concepções Sobre a Criação da Arte

A dimensão *Criação da Arte* organiza-se em quatro meta-categorias: Processos de Criação, Agentes de Criação, Fatores da Criação e Efeitos da Criação, cujas categorias estão sintetizadas e ilustradas na Tabela 2.

Em Processos de Criação, foi possível identificar as categorias: *Livre* (a criação da arte como uma forma de liberdade de expressão); *Espontaneidade* (a criação como um processo espontâneo); *Criatividade* (a criação como um processo criativo); *Focalização* (a criação implica uma focalização exclusiva no ato criativo); *Expressão* (a criação é uma expressão ou projeção de perspectivas, estados internos, tais como sentimentos, emoções, conflitos, pensamentos, através de/numa obra); *Pensamento Crítico* (a criação implica pensamento crítico); *Instigação de Emoções* e *Instigação de Percepções* (a criação tem como finalidade instigar emoções ou percepções nas outras pessoas); *Materialização* (a criação representa uma forma de interpretar de forma material sentimentos ou pensamentos); *Cânon* (a criação de arte implica utilização e conhecimento de métodos, estilos ou procedimentos técnicos estabelecidos à priori); *Dedicação* (a criação implica dedicação). Considerando as incidências destas categorias na amostra de participantes, observou-se que a mais representada é *Expressão*, de forma bastante acentuada (mais de 60% da amostra), seguida de *Criatividade* (menos de 11%), *Materialização* (próximo de 8%), e restantes, todas com uma representatividade reduzida (inferior a 5%).

Como Agentes da Criação, surgem as categorias: *Indivíduo* (a criação da arte como um processo essencialmente individual); *Humano* (a criação como uma atividade humana); *Não necessariamente profissional* (a criação como atividade aberta a qualquer pessoa); e *Profissional* (a criação como atividade exclusiva de artistas). Todas estas categorias apresentam uma representatividade muito reduzida na amostra (menos de 3%).

Como Fatores da Criação, identificamos as categorias *Habilidade Inata* (a criação da arte como habilidade inerente a algumas pessoas); *Impulso* (a criação como resultado de um impulso de criação); *Conflito Interior* (a criação como resultado de um conflito interior); e *Cultura* (a criação como influenciada pelo contexto cultural em que se insere). A incidência destas categorias na amostra é bastante reduzida (menos de 3%).

Os Efeitos da Criação desdobram-se em *Reações Emocionais* (a criação provoca reações emocionais no seu criador ou criadora); *Evasão* (a criação é uma forma de evasão ou abstração do quotidiano); *Bem-estar* (a criação pode promover o bem-estar na pessoa); *Ventilação* (a criação é um meio de ventilação emocional); *Conhecimento* (a criação é um meio de conhecimento e de perceção sobre o entorno); *Autoconhecimento* (a criação é um meio de e promove o autoconhecimento); *Desenvolvimento Pessoal* (a criação contribui para o processo de desenvolvimento pessoal). Atendendo às incidências das categorias na amostra, observamos maior representatividade, embora reduzida, da categoria Conhecimento (com cerca de 6%), seguida das restantes, todas com uma representatividade bastante reduzida (menos de 2%).

Tabela 2.*Conceções sobre a Criação da Arte (CA)*

Metacategoria	Categoria	Excerto Ilustrativo	Frequência relativa
Processos de Criação	<i>Livre</i> (A CA é uma forma de liberdade de expressão)	"[a CA] é uma forma de nos expressarmos com liberdade, com mesmo toda a liberdade porque aqui nada é certo nem nada é errado"	3.64%
	<i>Espontaneidade</i> (A CA implica espontaneidade)	"(...) arte é uma forma de criação espontânea."	1.82%
	<i>Criatividade</i> (A CA implica criatividade)	"[a CA] É um processo que envolve imaginação, criatividade."	10.91%
	<i>Focalização</i> (A CA implica uma focalização exclusiva no ato criativo)	"Uma forma de abstração, daquilo que nos rodeia, é estarmos focados a 100% naquele momento e esquecer todo o resto."	1.82%
	<i>Expressão</i> (A CA é uma expressão/projeção de perspectivas e estados internos, como sentimentos, emoções, conflitos, pensamentos, etc., através de/numa obra de arte)	"A arte é a expressão de estados internos em algo acessível aos outros."	62.73%
	<i>Pensamento Crítico</i> (A CA implica pensamento crítico)	"A Arte envolve (...) pensamento crítico"	2.73%
	<i>Instigação de Emoções</i> (a CA tem por finalidade instigar emoções)	"(...) [o] propósito [da CA] é espoletar uma ou mais emoções no público."	5.45%
	<i>Instigação de Percepções</i> (a CA tem por finalidade instigar percepções)	"Às vezes [a CA] também [é] feito com o objetivo de mudar a percepção do espectador"	4.55%
	<i>Materialização</i> (A CA é uma forma de interpretação material de sentimentos/pensamentos)	"Arte é uma forma de materializar os sentimentos."	8.18%
	<i>Cânon</i> (A CA implica a utilização de um método, estilo ou procedimentos técnicos pré-estabelecidos)	" A arte envolve (...) método." A arte envolve técnica, estilos, método"	2.73%
	<i>Dedicação</i> (A CA implica dedicação)	"A arte exige tempo, exige esforço, exige gosto"	0.91%

Tabela 3 (Continuação)*Concepções sobre a Criação da Arte (CA)*

Metacategoria	Categoria	Excerto Ilustrativo	Frequência relativa
Agentes de Criação	<i>Individuo</i> (A criação CA é essencialmente um processo individual)	<i>"Arte também se faz em conjunto, mas parte sempre de qualquer coisa muito íntima e intrínseca ao indivíduo, não sendo um fenómeno partilhado - a criação, motivação, são individuais."</i>	0.91%
	<i>Humano</i> (A CA é uma atividade humana)	<i>"Considero que arte é a expressão da criação humana."</i>	2.73%
	<i>Não necessariamente profissional</i> (A CA é uma atividade não necessariamente profissional, aberta a qualquer pessoa)	<i>"A meu ver, qualquer indivíduo pode criar arte."</i>	2.73%
	<i>Profissional</i> (A CA é uma atividade profissional exclusiva aos artistas)	<i>"A arte é uma criação de obras, por parte de um profissional."</i>	1.82%

Tabela 4 (Continuação)

Conceções sobre a Criação da Arte (CA)

Metacategoria	Categoria	Excerto Ilustrativo	Frequência relativa
Fatores da Criação	<i>Habilidade Inata</i> (A CA é uma habilidade inata de algumas pessoas)	" (...) muitos consideram que qualquer um de nós pode gerar Arte e isso para mim é só uma ilusão... acredito no talento, o que muitos dizem que não existe e que trabalhando se consegue reproduzir tudo... uma pessoa que tenha talento não deixa de ter de trabalhar arduamente, mas o resultado final é totalmente diferente de alguém que se esforça intensamente dia após dia mas que não tem aquela aptidão inata (...)."	1.82%
	<i>Impulso</i> (A CA é resultado de um impulso pessoal de criação)	"A Arte é o resultado de um impulso interior de criação."	2.73%
	<i>Cultura</i> (A CA é influenciada pelo contexto cultural)	"A arte também esta relacionada com aspetos culturais"	1.82%
Efeitos da Criação no artista	<i>Reações Emocionais</i> (A CA provoca reações emocionais no criador)	"Qualquer processo criativo de produção que tenha o potencial de provocar reações emocionais tanto no criador quanto no apreciador."	0.91%
	<i>Evasão</i> (A CA é uma forma de evasão do quotidiano)	"[a CA] apaga por breves momentos (...) os problemas da vida real ao mergulharmos noutra dimensão (...)"	1.82%
	<i>Bem-estar</i> (A CA é um meio de bem-estar)	" (...) [CA] também pode ser apenas para a própria pessoa (...) se sentir melhor consigo própria."	1.82%
	<i>Ventilação</i> (A CA um meio de ventilação emocional)	"Muitas vezes [CA] é utilizada de forma a libertar o artista da frustração, medos, preocupações."	1.82%
	<i>Conhecimento</i> (A CA é um meio de conhecimento)	"Arte é, na minha opinião, uma forma de ver o mundo."	6.36%
	<i>Autoconhecimento</i> (A CA é um meio de autoconhecimento)	"[a CA é uma forma] de compreender uma reação emocional"	0.91%
	<i>Desenvolvimento pessoal</i> (A CA contribui para o processo de desenvolvimento da pessoa)	"[a CA] faz as pessoas desenvolverem-se"	0.91%

Conceções Sobre a Obra de Arte

À dimensão Obra de Arte correspondem duas meta-categorias: Correspondente a Critérios Estéticos Intrínsecos à Obra e Não Correspondente a Critérios Estéticos Intrínsecos à Obra, sumarizadas e ilustradas na Tabela 3.

Na primeira meta-categoria, Correspondente a Critérios Estéticos Intrínsecos à Obra, surgiram as categorias: *Criação humana com forma ou intenção estética* (a obra de arte como criação humana com forma ou intenção estética); *Atrativa* (a obra como algo que é atrativo); *Representacional* (a obra como representação da realidade), que se divide em duas subcategorias, *Representacional Livre* e *Representacional Literal* (a obra como uma representação livre ou literal da realidade); *Bela* (a obra como algo belo, estético); *Mágica* (a obra como algo mágico); *Valor artístico* (a obra como algo com valor artístico); *Ocultante* (a obra como algo que pode ocultar vários elementos); *Original* (a obra como algo novo, inédito, original, nunca antes visto); *Expressão Pessoal* (a obra como forma de expressão pessoal), que se divide em *Expressiva de Emoções* e *Expressiva de Mensagens* (a obra como expressiva de emoções ou de mensagens); *Impactante* (a obra como provocando algum impacto nas pessoas que a apreciam), podendo ser *Instigadora de identificação* (espoleta identificação com a obra), *Instigadora de Emoção* (espoleta uma emoção) e *Instigadora de Reflexão* (espoleta reflexão); e *Interpretável e Apreciável* (a obra como qualquer coisa passível de interpretação ou apreciação). Considerando as incidências destas categorias na amostra, observamos maior representatividade de Impactante (próximo de 25%), seguida da categoria Expressão Pessoal (11.82%), seguidas das restantes, com uma representatividade reduzida (inferior a 10%).

Por sua vez, na segunda meta-categoria da concepção de Obra de Arte, Não Correspondente a Critérios Estéticos Intrínsecos à Obra, surgem as categorias *Criação*

Natural com impacto estético (a obra de arte pode ser uma criação da natureza com impacto estético); *Impermanente* (a obra é algo com identidade artística impermanente, em função da mutabilidade do critério do que é arte); *Com eventual impacto neutro* (a obra pode ser uma realidade neutra, não provocando qualquer tipo de reação ou impacto); *Mutável* (a obra como algo mutável, em função da época histórica da sua criação); *Polimórfica* (a obra assume várias formas, em função dos seus variados domínios e técnicas); *Considerada como arte pelo apreciador ou apreciadora* (a obra é algo que é considerado arte pelo apreciador ou apreciadora); *Considerado como arte pelo artista ou artista* (a obra é algo que seja considerado como arte pela pessoa que a cria); e, por fim, *Derivada de um processo criativo* (a obra é definida pelo processo criativo que a antecede). Atendendo à incidência destas categorias na amostra, destaca-se Polimórfica (em cerca de 27% dos participantes), seguida de Considerada como Arte pelo Apreciador (10%), Considerada como Arte pelo Artista e Derivada de um Processo Criativo (ambas com menos de 7%), seguindo-se as restantes, com representatividade bastante reduzida (inferior a 3%).

Tabela 5.

Concepções sobre a obra de arte (OA)

Metacategoria	Categoria	Subcategoria	Excerto Ilustrativo	Frequência Relativa	
Correspondente a critérios estéticos intrínsecos à OA	<i>Criação humana com forma/intenção estética</i> (A OA é uma criação humana com forma ou intenção estética)	–	“[arte é] o que é manipulado pelo Homem com uma intenção estética ou sob uma forma estética (...).”	6.36%	
	<i>Atrativa</i> (A OA é algo que é atrativo)	–	“(...) a arte é algo que me atrai num contexto específico”	4.55%	
	<i>Representacional</i> (A OA é uma representação da realidade)	Representacional livre (A OA é uma representação livre da realidade.)	Representacional livre (A OA é uma representação livre da realidade.)	“[a arte] É um veículo de comunicação, que deve ter, entre várias funções, a capacidade de transformar e representar a realidade”	2.73%
		Representacional literal (A OA é uma representação literal/imitação da realidade.)	Representacional literal (A OA é uma representação literal/imitação da realidade.)	“Arte pode ser (...) o que imita o real”	1.82%
	<i>Bela</i> (A OA é algo que é belo)	–	“A arte pode ser qualquer coisa bela.”	5.45%	
	<i>Mágica</i> (A OA é algo mágico)	–	“Eu concetualizo arte como algo mágico ”	0.91%	
	<i>Valor artístico</i> (A OA é algo com valor artístico)	–	“[arte é um] Objeto ou trabalho com valor artístico.”	0.91%	
	<i>Ocultante_</i> (A OA é algo que oculta elementos)	–	“[a arte] esconde tantas coisas às quais nunca teremos acesso mesmo que pareça tão óbvio o que nos tentam transmitir. ”	1.82%	
	<i>Original</i> (A OA é algo novo, original ou inédito)	–	“[arte é] O que se apresenta como algo diferente para o individuo que a observa.”	4.55%	
	<i>Valor artístico</i> (A OA é algo com valor artístico)	–	“[arte é um] Objeto ou trabalho com valor artístico.”	0.91%	

Tabela 6. (Continuação)

Concepções sobre a obra de arte (OA)

Metacategoria	Categoria	Subcategoria	Excerto Ilustrativo	Frequência Relativa
	<i>Expressão Pessoal</i> (A OA é uma forma de expressão pessoal)	–	"[a arte é] <i>expressão pessoal.</i> "	11.82%
		Expressiva de emoções (A OA expressa emoções)	"(...) <i>aquilo a que chamamos Arte tem de nos transmitir emoções, fortes emoções, e não têm de ser apenas agradáveis</i> "	1.82%
		Expressiva de mensagens (A OA expressa mensagens)	" [a arte] <i>tem que transmitir algo.</i> "	9.09%
	<i>Impactante</i> (A OA provoca impacto nos seus apreciadores)	–	" <i>Mas [a arte] tem sempre qualquer tipo de impacto</i> "	24.55%
		Instigadora de identificação (A OA é algo que espoleta identificação com a obra)	" (...) <i>tudo o que é necessário para eu considerar algo de arte é haver uma atribuição ou projeção de (...) identidade num objeto por parte do sujeito</i> "	2.73%
		Instigadora de emoção (A OA é algo que espoleta emoção)	" <i>Para mim arte é tudo aquilo que nos causa algum tipo de emoção aquando a sua perceção (...)</i> "	17.27%
		Instigadora de reflexão (A OA é algo que espoleta reflexão)	" <i>Para mim a arte deve ter uma função: fazer questionar/refletir; alargar horizontes; ver doutra maneira.</i> "	7.27%
	<i>Interpretável</i> (A OA é qualquer coisa que pode ser interpretada/ analisada)	–	"[a obra de arte é uma realidade] <i>que pode ser interpretada</i> "	6.36%
		–	"[a obra de arte é algo] <i>que pode ser apreciado por um observador</i> "	9.09%

Tabela 7. (Continuação)

Conceções sobre a obra de arte (OA)

Metacategoria	Categoria	Excerto Ilustrativo	Frequência Relativa
Não correspondente a critérios estéticos intrínsecos à OA	<i>Criação natural com impacto estético</i> (A OA pode ser uma criação da natureza com impacto estético)	<i>“Mas [a arte] pode também ser vista na natureza. Uma árvore, uma tempestade, um animal, etc., pode despertar em nós uma análise estética e fazer-nos sentir algo de forma tão intensa como uma obra humana poderia.”</i>	3.64%
	<i>Impermanente</i> (A OA é algo com identidade artística impermanente, em função da mutabilidade do critério do que é arte)	<i>“(…) [a arte] é um conceito em continua mutação. Um objeto pode ser não ser arte num momento, e depois de uma análise diferente pode ser considerado arte.”</i>	0.91%
	<i>Com eventual impacto neutro</i> (A obra de arte pode ser uma realidade neutra, não provocando algum tipo de reação)	<i>“(…) [a obra de arte pode] nem criar reação alguma.”</i>	2.73%
	<i>Mutável</i> (A OA é algo mutável, em função da época histórica da sua criação)	<i>“As diferentes obras de arte estão sujeitas às expectativas e/ou necessidades da época da sua respetiva criação “</i>	1.82%
	<i>Polimórfica</i> (A AO assume uma panóplia de formas, em função dos seus diferentes domínios e técnicas)	<i>“[a arte] pode dar-se através de notas musicais (música), de palavras (literatura), de desenhos (banda desenhada, ...) de tinta (pintura) e de muitas outras coisas.”</i>	27.27%
	<i>Considerada como arte pelo apreciador ou apreciadora</i> (A OA é algo considerado como arte por um apreciador ou apreciadora)	<i>“O que pode ser considerado obra de arte, contudo, dependeria de o apreciador nomeá-la assim.”</i>	10%
	<i>Considerada como arte pelo artista</i> (A OA é algo considerado como arte pelo seu criador ou criadora)	<i>“Arte é tudo o que possa ser visto como tal pelo artista”</i>	7.27%
	<i>Derivada de um processo criativo</i> (A OA é definida pelo processo que a precede)	<i>“Não é uma questão meramente estética, não é o resultado da peça em si que define se é arte ou não, mas sim o processo criativo precedente”</i>	7.27%

Concepções de Arte em função da Área Acadêmica

Comparativamente com as respostas dos estudantes de Psicologia, que constituem a amostra principal, as respostas dos estudantes de Belas-Artes, da amostra secundária, não revelaram novas categorias de concepções. Por outro lado, nem todas as categorias de concepções identificadas na amostra principal se replicam nas respostas da amostra secundária.

Relativamente à primeira dimensão - *Apreciação da Arte*- foi apenas encontrada na amostra de Belas-Artes a categoria Sensorialidade, da metacategoria Processos de Apreciação.

Para a dimensão *Criação de Arte* foi possível identificar, dentro das respostas dadas pelos participantes de Belas-Artes, concepções dentro das metacategorias Processo de Criação, Fatores da Criação, Efeitos da Criação e Agentes da Criação. Dentro da primeira metacategoria, que concerne aos Processos de Criação, foram identificadas as concepções: Pensamento Crítico; Materialização; Livre; Instigação de Emoções e Instigação de Percepções); Expressão; e, por último, Cânon. Dentro de Fatores da Criação, nas respostas dadas pelos participantes de Belas-Artes foi possível identificar a categoria Cultura. Já na metacategoria Efeitos da Criação, os participantes de Belas-Artes elencaram concepções categorizáveis em Evasão e Conhecimento. Por último, na metacategoria Agentes da Criação, foi possível encontrar nos mesmos participantes apenas a categoria Não Necessariamente Profissional).

No que concerne à dimensão *Obra de Arte*, foram identificadas nos participantes de Belas-Artes concepções dentro das duas metacategorias definidas. Na metacategoria Não Correspondente a Critérios Estéticos Intrínsecos à Obra de Arte apurou-se a categoria Polimórfica e Considerada como Arte Pelo Apreciador. Já na categoria Correspondente a

Critérios Estéticos Intrínsecos à Obra de Arte, as respostas da amostra secundária revelaram a categoria Representacional, Original, Impactante e Bela.

Discussão e Conclusão

O objetivo principal deste trabalho consistiu em explorar as concepções de arte em estudantes universitários, partindo do princípio de que estas concepções ou esquemas iniciais influenciam a forma como a arte é percebida, contribuindo para a regulação da experiência de apreciação, incluindo a do processamento cognitivo das obras (Jacobsen et al., 2004, Pelowski & Akiba, 2011; Wagner et al., 2014). Estávamos particularmente interessados em caracterizar as concepções de Arte de estudantes do ensino superior e comparar essas concepções em função da área disciplinar dos estudantes, neste caso, Psicologia *versus* Belas-Artes, a partir da análise de respostas espontâneas de duas amostras à questão “O que é arte?”.

Da análise temática das respostas dos participantes da amostra principal resultou uma diversidade de categorias, agrupadas em três dimensões principais da arte consideradas pela área de estudos da psicologia da arte (e.g., Tinio, 2013): Apreciação da Arte, Criação da Arte e Obra de Arte.

Destas concepções categorizadas, algumas replicam concepções de senso comum já observadas por estudos empíricos anteriores consultados. Para além disso, algumas concepções observadas neste estudo parecem apresentar semelhança com certas representações da arte articuladas na área da filosofia da arte.

A grande maioria das concepções organizadas na dimensão Apreciação de Arte (AA) no presente estudo não parece replicar aquelas descritas em estudos empíricos prévios.

A categoria *Subjetividade* (A AA é uma experiência subjetiva, variável) parece ir de encontro à concepção descrita nos estudos de Johnson (1982) de que a experiência de apreciação de arte é relativa. Por sua vez, esta mesma categoria vai de encontro ao facto

de a arte ser um conceito de difícil definição, sobre o qual não existe consenso entre pessoas comuns ou teóricos da arte (Jacobsen et al., 2004, Janson, 1998; Wartenberg, 2007; Winner, 2019).

Atendendo às frequências relativas das categorias desta dimensão na amostra, foi possível observar que a que se destaca é *Subjetividade* (A AA é uma experiência subjetiva, variável), surgindo em cerca de 18% dos participantes, seguida de *Reação Emocional* (A AA envolve reações emocionais, que podem ser positivas, como prazer, calma e admiração; negativas, como ansiedade e terror; ou de desequilíbrio, como espanto e intriga), que surge em cerca de 7% dos participantes. A típica experiência pessoal com a arte (subjetiva e afetiva) talvez explique a maior representatividade destas categorias.

Já dentro da dimensão Criação de Arte (CA), a categoria *Humano* (A CA é uma atividade humana) replica a concepção descrita em estudos empíricos anteriores de que a criação de arte é uma atividade exclusiva aos seres humanos (Gardner, 1975; Kindler, 2000).

As concepções identificadas neste estudo na metacategoria fatores da criação, nomeadamente *Habilidade Inata* (A CA é uma habilidade inata de algumas pessoas) replica as concepções encontradas em investigação empírica anterior de que a habilidade inata é um dos fatores que influencia a criação de arte (Gardner et.al., 1975).

A concepção *Conhecimento* (A CA é um meio de conhecimento) converge com a concepção encontrada nos estudos de Johnson (1982) de que a Arte é a opinião de um artista sobre o mundo, ou seja, a sua forma de ver o mundo.

Por seu lado, a concepção *Expressão* (A CA é uma expressão/projeção de perspectivas e estados internos, como sentimentos, emoções, conflitos, pensamentos, etc., através de/numa obra de arte) apresenta similitude com a noção, defendida pela teoria filosófica da Arte como Expressão, de Tolstói, de que a emoção, e consequente expressão, é

fundamental na criação de arte (cit. por Wartenberg, 2007). Já a concepção *Cultura* (A CA é influenciada pelo contexto cultural) também denota algumas semelhanças com alguns pontos da teoria da Arte como Produção Cultural defendida por Bourdieu, nomeadamente no que toca à influência do contexto cultural na produção artística, não refletindo, contudo, o peso da influência do contexto económico que esta teoria acarreta (cit. por Wartenberg, 2007).

Finalmente, as concepções descritas nas restantes categorias da dimensão CA não replicam concepções identificadas na literatura analisada, nomeadamente as respeitantes à metacategoria Processos de Criação: *Livre* (A CA é uma forma de liberdade de expressão), *Espontaneidade* (A CA implica espontaneidade), *Criatividade* (A CA implica criatividade), *Focalização* (A CA implica uma focalização exclusiva no ato criativo), *Pensamento Crítico* (A CA implica pensamento crítico), *Instigação de Emoções* (a CA tem por finalidade instigar emoções), *Instigação de Perceções* (a CA tem por finalidade instigar perceções), *Materialização* (A CA é uma forma de interpretação material de sentimentos/pensamentos), *Cânon* (A CA implica a utilização de um método, estilo ou procedimentos técnicos pré-estabelecidos), *Dedicação* (A CA implica dedicação) ; respeitantes à metacategoria Agentes da Criação: *Individuo* (A criação CA é essencialmente um processo individual), *Não necessariamente profissional* (A CA é uma atividade não necessariamente profissional, aberta a qualquer pessoa), *Profissional* (A CA é uma atividade profissional exclusiva aos artistas); por seu lado, respeitantes à metacategoria Fatores da Criação: *Impulso* (A CA é resultado de um impulso pessoal de criação); e, por ultimo, respeitantes à metacategoria *Efeitos da Criação no artista*: *Reações Emocionais* (A CA provoca reações emocionais no criador), *Evasão* (A CA é uma forma de evasão do quotidiano), *Bem-estar* (A CA é um meio de bem-estar), *Ventilação* (A CA um meio de ventilação emocional), *Autoconhecimento* (A CA é um

meio de autoconhecimento) e Desenvolvimento pessoal (A CA contribui para o processo de desenvolvimento da pessoa).

Considerando a incidência destas categorias na amostra de participantes, a concepção *Expressão* (A CA é uma expressão/projeção de perspectivas e estados internos, como sentimentos, emoções, conflitos, pensamentos, etc., através de/numa obra de arte) surge com uma frequência próxima de 63%, sendo a categoria com maior destaque respeitando às três dimensões deste estudo. Assim sendo, podemos concluir que mais de metade dos participantes considera que a Criação de Arte é uma forma de expressar ou projetar estados internos através de um meio que é a obra de arte.

Dentro da dimensão Obra de Arte (OA), a concepção *Bela* (A OA é algo que é Belo) replica a concepção, já identificada por estudos empíricos anteriores (Jacobsen et al., 2004; Kindler et al., 2000), de que a OA é algo bonito ou belo. A concepção *Polimórfica* (A AO assume uma panóplia de formas, em função dos seus diferentes domínios e técnicas) vai de encontro às concepções previamente observadas de que a OA é algo que pode ser representado de várias formas, com diferentes técnicas e meios (Johnson, 1982); Por seu lado, a concepção *Representacional* (A OA é uma representação da realidade), parece convergir com a concepção constatada por Gardner e colaboradores (1975) de que a obra de arte é a representação de algo.

A concepção *Considerada como arte pelo apreciador* (A OA é algo considerado como arte por um apreciador ou apreciadora) replica a concepção descrita pelos estudos empíricos de Gardner e colaboradores (1975) de que a consideração de que algo é uma obra de arte depende maioritariamente de quem a aprecia. A categoria *Criação natural com impacto estético* (A OA pode ser uma criação da natureza com impacto estético) replica as

concepções descritas no estudo empírico de Kindler (2000) de que as obras de arte podem ser resultado da natureza/fenómenos naturais.

Por outro lado, a concepção *Impactante* (A OA provoca impacto nos seus apreciadores) apresenta convergência com a teoria filosófica da Arte como Significante de Clive Bell (1927), que defende que, para que uma obra seja considerada como arte esta deve provocar no apreciador uma reação/ emoção (cit. por Wartenberg, 2007). A concepção *Expressão Pessoal* (A OA é uma forma de expressão pessoal) também apresenta similitudes com a teoria filosófica da Arte como Expressão, seja na teoria apresentada por Tolstói ou na tese apresentada posteriormente por Collingwood (1938), segundo a qual a arte é expressão de algo que o artista sentiu previamente (cits. por Wartenberg, 2007), sendo que a concepção no nosso estudo pode divergir desta na medida em que não explicita se a emoção experienciada pelo observador é a mesma que o artista procurava transmitir. Já a concepção *Representacional* (A OA é uma representação da realidade) converge com as teorias filosóficas da Arte como Imitação, segundo a qual a obra de arte é uma imitação literal, defendida por Platão, e Arte como Representação, defendida por Aristóteles, que procurou inovar a definição anterior outorgando que a obra de arte pode ser, além de uma imitação fiel de algo real, uma representação daquilo que este objeto real pode ser (cits. em Wartenberg, 2007).

Finalmente, as concepções descritas nas restantes categorias da dimensão OA não replicam concepções identificadas na literatura analisada, sendo elas *Criação humana com forma/intenção estética* (A OA é uma criação humana com forma ou intenção estética), *Atrativa* (A OA é algo que é atrativo), *Mágica* (A OA é algo mágico), *Valor artístico* (A OA é algo com valor artístico), *Ocultante* (A OA é algo que oculta elementos), *Original* (A OA é algo novo, original ou inédito), *Interpretável* (A OA é qualquer coisa que pode ser interpretada/ analisada), *Impermanente* (A OA é algo com identidade artística

impermanente, em função da mutabilidade do critério do que é arte), *Com eventual impacto neutro* (A obra de arte pode ser uma realidade neutra, não provocando algum tipo de reação), *Mutável* (A OA é algo mutável, em função da época histórica da sua criação), *Considerada como arte pelo artista* (A OA é algo considerado como arte pelo seu criador) e *Derivada de um processo criativo* (A OA é definida pelo processo que a precede).

Atendendo às incidências das categorias da dimensão Obra de Arte na amostra, observamos maior representatividade de *Polimórfica* (A AO assume uma panóplia de formas, em função dos seus diferentes domínios e técnicas) e *Impactante* (A OA provoca impacto nos seus apreciadores) com uma frequência igual ou superior a 25%, seguidas de *Expressão Pessoal* (A OA é uma forma de expressão pessoal) e *Considerada como Arte pelo Apreciador* (A OA é algo considerado como arte por um apreciador), com uma frequência igual ou superior a 10%, sendo que as restantes apresentaram frequências na amostra inferiores a 7%.

As metodologias de investigação empírica utilizadas na literatura analisada em pouco se assemelham às que foram utilizadas neste estudo. Da literatura identificada, o único estudo com população adulta, com características semelhantes às da presente investigação, foi realizado com estudantes universitários da Universidade de Leipzig (Jacobsen, 2004) e foi baseado numa tarefa de associação semântica.

As conceções de arte são influenciadas por diversos fatores, nomeadamente o contexto cultural (Kindler et al., 2000), as representações sociais de arte (Pietras, 2008) e o nível de desenvolvimento pessoal (Johnson, 1982; Gardner et al., 1975). Desta forma, torna-se problemática a comparação entre os resultados encontrados no presente estudo com as

concepções encontradas pelo grosso dos estudos anteriores, que recaem em crianças e em contextos culturais diferentes.

Por outro lado, importa considerar a frequência relativa da referência, nas respostas dos participantes da amostra principal à questão “O que é a Arte?”, a cada uma das Dimensões da arte consideradas neste estudo (i.e., OA, CA e AA). Observamos assim que a maior parte dos participantes apresentou concepções relativas à Dimensão Criação de Arte (78.15%) e Obra de Arte (77.25%), enquanto a frequência de respostas com concepções de Apreciação de Arte foi substancialmente menor (34.55%). A explicação para este fenómeno pode passar pelo facto de as concepções sobre Obra de Arte e Criação de Arte se aproximarem com maior facilidade de construtos sociais sobre Arte, mais determinados pela cultura e pelo contexto, resultando mais fácil aos participantes de discorrer sobre estes do que sobre a Apreciação de Arte, objeto interno e subjetivo.

Este estudo contemplou ainda uma segunda amostra de estudantes de outra área de estudos, nomeadamente Belas Artes, com dimensão bastante mais reduzida, cujas respostas à mesma questão de “O que é a arte?” foram sujeitas a uma análise temática semelhante à efetuada para as respostas da amostra principal. Não foram encontradas na amostra de estudantes de Belas-Artes novas concepções de arte, em relação às concepções observadas na amostra principal, de estudantes de Psicologia. Contudo, a análise deixou a impressão de que os estudantes de Belas-Artes colocaram um ênfase ainda maior nas concepções relativas à dimensão Criação de Arte, em comparação com as dimensões Apreciação e Obra de Arte. Possivelmente, o facto de estes participantes serem sujeitos mais ativos na criação de arte levará a uma maior sensibilização a este processo, que se poderá ter refletido na maior ênfase referida.

Sendo este estudo um contributo discreto para a investigação de um fenómeno complexo e pouco considerado, teria beneficiado de uma amostra secundária maior, de forma a possibilitar uma comparação quantitativa entre os resultados das duas amostras. Por outro lado, poderia ter igualmente contemplado uma terceira amostra, de uma outra área de estudos, de forma a permitir uma comparação mais ampla. É de salientar também o facto de a amostra principal deste estudo (estudantes de psicologia) ser uma amostra de conveniência, fator que influencia a generalização dos resultados obtidos. A recolha de dados utilizada (i.e., por resposta aberta a uma só questão genérica), também constitui uma limitação, na medida em que se torna difícil categorizar respostas menos diretas ou menos direcionadas para o objeto de estudo.

Para uma melhor compreensão dos possíveis fatores da conceção de arte, será benéfico que, em investigações futuras, sejam analisadas outras características da amostra, nomeadamente o *background* cultural e académico, como por exemplo a área de estudos durante o ensino secundário dos participantes. Além disso, investigações futuras também poderão beneficiar de outras metodologias de recolha de dados, nomeadamente de entrevistas semiestruturadas com questões orientadas para cada uma das dimensões, contornando uma das limitações deste estudo associados a respostas pouco direcionadas para o objeto do estudo, metodologia que contribuirá para a elaboração de um sistema mais robusto e conseqüente validação. Por seu lado, a robustez deste sistema pode também beneficiar de estudos que visem a criação de um questionário derivado, de avaliação das conceções de arte.

O sistema de categorias da conceção de arte resultante deste estudo, apesar de não ser passível de generalização para a população, devido às características da amostra de que resulta, parece trazer inovação para a área de estudos da Psicologia da Arte. Não se identificou, na literatura revista para esta investigação, nenhum estudo que condense e

organize as concepções por dimensões e categorias, permitindo agora que este sistema de categorias possa ser utilizado noutros estudos, de preferência com amostras de outras populações.

O mapeamento que resultou do presente estudo pode ainda ser útil quer ao ensino artístico quer a intervenções educacionais e psicológicas pela arte, como ferramenta de diagnóstico prévio que permita melhor conhecer quais as concepções dos sujeitos e, conseqüentemente, uma melhor adaptabilidade daquele ensino e intervenção. Na perspectiva quer da educação artística, da educação pela arte ou do aconselhamento pela arte, o conhecimento sobre as concepções de arte pode ser útil na hora de ajustar ensino ou intervenção, alicerçado na perspectiva do estudante, resultando numa ferramenta útil para professores, educadores e psicólogos.

Referências

- Duarte, A. M. (2004). Concepções de aprendizagem em estudantes universitários(as) portugueses(as). *Psicologia*, 18(1), 147–163.
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.17575/rpsicol.v18i1.413>
- Duarte, A. M. (2020, Org.). Catalogue of the 12th Exhibition of Psychology of art - Faculty of psychology - University of Lisbon.
<https://sites.google.com/site/psiarte7>
- Ecker, D. (1973). Analyzing children's talk about art. *Journal of Aesthetic Education*, 7(1), 58–73.
- Gardner, H., Winner, E., Kircher. (1975). Children's conceptions of the arts. *Journal of Aesthetic Education*, 9(3), 60–77.
- Jacobsen, T., Buchta, K., Köhler, M., & Schröger, E. (2004). The primacy of beauty in judging the aesthetics of objects. *Psychological Reports*, 94(3), 1253–1260.
<https://doi.org/10.2466/pr0.94.3c>.
- Janson, H. (1998). *História da arte*, 7ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian
- Johnson, N. R. (1982). Children's Meanings about Art. *Studies in Art Education*, 23(3), 61–67. <https://doi.org/10.2307/1320017>
- Kindler, M., Darras, B., & Shiang Kuo, C. (2000). When a culture takes a trip: Evidence of heritage and enculturation in early conceptions of art. *Journal of Art & Design Education*, 19(1), 44–53. <https://doi.org/10.1111/1468-5949.00201>
- Leder, H., Belke, B., Oeberst, A., & Augustin, D. (2004). A model of aesthetic appreciation and aesthetic judgments. *British Journal of Psychology*, 95(4), 489–508. <https://doi.org/10.1348/0007126042369811>
- Leder, H., Gerger, G., Dressler, & S., Schabmann, A. (2012). How art is appreciated. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 6(1), 2–10.
<https://doi.org/10.1037/a0026396>

- Leder, H., & Nadal, M. (2014). Ten years of a model of aesthetic appreciation and aesthetic judgments: The aesthetic episode - Developments and challenges in empirical aesthetics. *British Journal of Psychology*, *105*(4), 443–464.
<https://doi.org/10.1111/bjop.12084>
- Mcardle, F., Wong, K. (2010). What young children say about art: A comparative study. *International Art in Early Childhood Research Journal*, *2*(1), 1–17.
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis: An expanded sourcebook*, 2nd ed. Sage Publications, Inc.
- Pelowski, M., & Akiba, F. (2011). A model of art perception, evaluation and emotion in transformative aesthetic experience. *New Ideas in Psychology*, *29*(2), 80–97.
<https://doi.org/10.1016/j.newideapsych.2010.04.001>
- Pietras, K. (2018). Who is the contemporary artist? Social representation of the artist among visual art students. *Polish Journal of Applied Psychology*, *15*(1), 107–126.
<https://doi.org/10.1515/pjap-2015-0075>
- Tinio, P. L. (2013). From artistic creation to aesthetic reception: The mirror model of art. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, *7*(3), 265–275.
<https://doi.org/10.1037/a0030872>
- Wagner, V., Menninghaus, W., Hanich, J., & Jacobsen, T. (2014). Art schema effects on affective experience: The case of disgusting images. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, *8*(2), 120–129. <https://doi.org/10.1037/a0036126>
- Wartenberg, T. (2007). *The Nature of art: An anthology* (2^a ed.). Jolly J. Allen.
- Winner, E. (2019). *How art works. A psychological exploration*. Oxford University Press.
- Wong, K. (2007). Conceptions of art in Hong Kong preschool children. *Australasian Journal of Early Childhood*, *32*(4), 31–36.
<https://doi.org/10.1177/183693910703200407>